

«ANÁLISE LINGUÍSTICA E APLICAÇÕES NA VIRAGEM DO SÉCULO: 'ESTRANHEZAS' DA AULA DE PORTUGUÊS⁽¹⁾»

MARIA JOSÉ ALBARRAN CARVALHO*

RESUMO

Em breves considerações linguísticas de índole aplicada, abordam-se subpontos suscitados por enunciados, em português, atribuídos a locutores das comunidades africanas de utentes: algumas operações quantitativas com TUDO (O) / QUALQUER e os chamados «meros plurais» ou «simples plurais».

Recriminam-se aqueles usuários africanos de desvios ao padrão pretendido culto e, correctamente, seguido por nacionais. Tendências observáveis noutros aprendentes e até nos próprios falantes autóctones são objecto da presente exposição, num esboço explicativo contrário às análises da opinião geral e de alguns gramáticos / linguistas do passado. Percorrem-se análises de algumas correntes novecentistas relevantes - i.e., desde o aparecimento da linguística como ciência autónoma - mas, exclusivamente, nas suas aplicações à classe de Língua Portuguesa, com referência a recente área de estudo - a Pragmática.

0. -

Analisam-se dados recolhidos a utentes do português, comunidades adultas (18 - 30 anos), de nível superior de instrução: a) originários ou sediados (desde a infância) nas capitais dos seus países; b) integrados ou não na comunidade de "língua portuguesa". Deverão obrigatoriamente não a ter como primeira língua em a) e tê-la como segunda / terceira, já em quarto ano de

* Docente da ESEB

aprendizagem, em b). Os dados foram obtidos entre 1985 - 1995. A utilidade da presente análise remete, sobretudo, para aprendentes adolescentes / adultos, sem distinção de origem.

Os critérios de amostragem, retomados de M. J. Carvalho (1991), põem-nos face a enunciados banidos da norma escolar, quase sempre ligada a uma variante privilegiada por ser a eleita nas capitais, secundando a literatura da especialidade, muito particularmente, Cunha - Cintra (1984) e Peres - Mória (1995).

1.

Em primeiro lugar, apresentam-se algumas frases (F) desviadas (=*) do padrão do português europeu contemporâneo - i.e., a norma do ensino, consignada em dicionários e gramáticas, correspondente à variante central - litoral da actualidade, (Peres - Mória:1995) - produzidas por utentes do português como língua oficial, naturais de Maputo, Luanda e Bissau. Vejam-se os três grupos seguintes de exemplos do discurso escrito e não espontâneo da aula:

- (1) a) ***Todo o aluno não foi à excursão. (Maputo)**
 b) ***Todo o medicamento não veio. (Luanda)**
 c) ***Todo o mundo não respondeu. (Bissau)**

Nestas *F, alarga-se à totalidade dos membros de um dado conjunto a negação da relação / propriedade predicada, "ir à excursão" em a), "vir" em b) e "responder" em c). A propriedade do predicador é universalmente distribuída à entidade do conjunto denotado pelo núcleo do sintagma nominal sujeito, pois assere-se que tal conjunto é encarado na totalidade dos seus elementos (cf O. Lopes:1972:94). A negativa não pode, então, ter sob seu efeito apenas o predicado, devendo o quantificador assumir a negatividade, i.e., os operadores quantificacionais deveriam ser respectivamente: "nenhum aluno", "nenhum medicamento", "ninguém".

As *F (1) a) - c) são ambíguas, dado poderem ser interpretadas como NENHUM e como NEM TODO O, em termos de português europeu contemporâneo. Será outra a leitura nas comunidades africanas? A investigação existente não fornece legitimidade a ilacções definitivas nesse sentido e as evidências empíricas examinadas sinalizam, tão somente, realizações profundas.

- (2) a) *Ouvi uma qualquer coisa disso. (= em contexto de ALGUM / Maputo)
 b) *Vi uma qualquer pessoa. (= em contexto de ALGUÉM /Luanda)
 c) *Nãõ qualquer perfume podes usar. (= em contexto de modificador adjectival de posição pós-verbal / Bissau)

Está-se perante três valores de QUALQUER no discurso escrito. Em harmonia com T. Mória (1992:3ss), em (1) a) ocorre uma operação de quantificação existencial; em b) trata-se de uma identificação vaga; e em c) de uma modificação de tipo adjectival e pejorativo. As correspondentes F gramaticalmente bem formadas, recuperação de acordo com os parênteses, ocorrem em condições específicas, mais frequentemente na modalidade oral - a), b) - e em F enfático-contrastivas, v.g. c):

- (2)' a)' Ouvi qualquer coisa disso
 b)' Vi qualquer pessoa
 c)'Nãõ podes usar qualquer perfume (só perfumes anti-alérgicos/...)

- (3) a) *Gosto dos cães. (Maputo)
 b) *Vendo os frutos. (Luanda)
 c) *Aprecio os carros (Bissau)

Nestas *F, do discurso escrito também, ocorrem “meros plurais” - em português exclusivos da posição pós-verbal de Objecto Directo, conforme observação de J. Peres - A. Branco (1989:16) - como categorias veiculadoras de uma interpretação genérica pela obrigatoriedade da pluralização e pela exclusão do determinante definido. Esta construção remete para a espécie, o típico de um género, caracterizando-se, por isso mesmo, pela irreferencialidade (cf A. Lopes:1992:2). Em (3) a)-c), «desfaz-se» a genericidade pela definitização, num uso em excesso do determinante definido, muito embora aquele núcleo nominal, na concepção que lhe subjaz, requeira o mencionado plural obrigatório, único

requisito cumprido na *F em apreço. A inobservância das condições de ocorrência padronizadas presumem contacto com línguas bantas, configuradas com o parâmetro classe e, concomitantemente, sem artigo? A consentir esta análise, seria de preconizar que falantes de línguas com artigo não produziram *F similares, no seu discurso escrito e cuidado. Os dados inspeccionados, porém, contestam essa hipótese. I. Duarte (1997:cp) chama a atenção para o valor de classe envolvido nestas expressões - a classe dos cães, dos frutos, dos carros - não muito claro, no seu entendimento, nestes excertos. Julgou-se recuperável, contuso, essa interpretação pela continuação do discurso, como v.g.: (3) a) *Gosto dos cães... o cão pode lambe a mão do homem, vem comer à mão do homem. Em (3) e (6) reduziram-se as F, aliás também outras, por comodidade e economia. Deixa-se este apontamento para obviar a indesejável simplismo na consideração das questões semânticas abordadas, remetendo-se uma primeira fase do necessário aprofundamento para a bibliografia final.

2.

2.1.

A experiência de três décadas de ensino de português a estrangeiros valida a asserção de tais desvios serem comuns a muitos outros aprendentes não africanos, mesmo em fase superior de aprendizagem e, de igual modo, no seu discurso escrito escolar. Vejam-se, para cotejo, os exemplos do mesmo período de tempo:

- 4) a) *Todo o livro não é barato. (Londres).
- b) *Todo o estudante não fez esse trabalho. (Berlim)
- c) *Toda a gente não esperava isso. (Paris)

- 5) a) *Depois do cinema podemos ir a um qualquer sítio. (Madrid)
- b) *Tenho uma qualquer explicação a dar. (Haia)
- c) *Para a festa não grinaldas quaisquer puseram [...] mas umas confeccionadas pela sogra. (Viena)

- 6) a) *Encontrei as pessoas simpáticas. (Copenhague)
- b) *Detestava as crianças. (Dublin)
- c) *Prefiro os filmes. (Oslo)

Poderiam, então, ser casos de incompleta aprendizagem do português. Dados adiante aduzidos acrescentam dimensões à anterior conjectura.

Estas dificuldades de aprendizagem revelam-se comuns a grande número de aprendentes e não crucialmente decorrentes de um perfil de desvios típico do falante africano - estigmatizado por variadas e conhecidas razões de ordem económica e sociocultural.

Sobre a língua oficial - nem sempre / quase nunca materna - e sobre a língua estrangeira em aprendizagem formulam-se hipóteses erradas? Ponto de reflexão para professores de Língua Portuguesa junto destes públicos, diferenciados dos maioritários no país. O enfoque poderá, todavia, ser outro. Falta pesquisa conducente a apreciações conclusivas.

2.2.

Esboça-se doravante uma descrição esclarecedora, circunscrita, contudo, ao âmbito não especializado destas jornadas.

Os primeiros grupos de F remetem para realizações dos próprios falantes da comunidade europeia de utentes adultos / jovens, muito particularmente os casos respeitantes aos quantificadores universais TODO / TODO (O). Nas *F do tipo de (1) e (4) não se adquiriu a distinção entre negatividade universal e existencial, nem a diferenciação do quantificador negativo de *contagem*, - no sentido de NENHUM(UNS), NEM TODO(S) - face ao de *medição* - nesta circunstâncias idêntico ao valor de NEM TODO e também, em contornos outros de ocorrência, sinónimo de INCOMPLETO, PARCIALMENTE, no seguimento de dois dos conceitos propostos recentemente no Projecto de Semântica dirigido por J. Peres (1992:14,17)

A escassez de boas descrições de diferentes subsistemas do português suporta, porque beneficia, deficiências do ensino da actualidade, consubstanciadas tanto nesta como noutras áreas críticas. A textura basilar da quantificação, por muito que necessária à prossecução de objectivos transdisciplinares, muito particularmente no tocante ao Português e à Matemática, não tem lugar no figurino programático. Seria profícuo, porém, na formação inicial de professores, antes de relacionar estes quantificadores tanto com o tipo de nomes que afectam como com os predicadores envolvidos, estabelecer contrastes como os seguintes:

(7) a) Naquela revista, todo o artigo é bom (contagem universal afirmativa: todos os artigos...)

Naquela revista, nenhum artigo é bom (contagem universal negativa: nem um dos artigos...) / Naquela revista, nem todo o artigo é bom / nem todos os artigos são bons (contagem existencial negativa: alguns artigos...)

b) Toda a prova está má (contagem: todas as provas... / medição universal: a prova inteira...)

Nenhuma prova está má (contagem universal: nem uma das provas...) / nem toda a prova está má (contagem existencial: algumas provas...)

A prova toda não está má (medição existencial: a prova inteira...)

Em (2) e (5) não se efectivou a aprendizagem dos variados valores de QUALQUER, designadamente dos três aqui abordados: a) quantificação existencial (PELO MENOS UM, ALGUM); b) quantificação vaga de algo impreciso; c) e modificação adjectival depreciativa designadora de *qualquer coíseca* - conceitos retomados de T. Mória (1992:3-4)

A pesquisa neste campo é recente, sendo igualmente lacunar o ensino tanto a estrangeiros como a nacionais. Caracterizar, obrigatoriamente na formação inicial de professores, estes e outros usos de QUALQUER - como os abaixo igualmente seleccionados de T. Mória (id) - é frutuoso, e não só junto de público estrangeiro, para o desenvolvimento da capacidade comunicativa em português, nas variadas componentes (linguística, pragmática, cultural, etc) que a significação imbrica. Estas introduzem considerandos que visam uma efectiva *praxis* verbal, pela transferência, recontextualizada, de informação linguística para o campo curricular, pedagogia a que R. Castro apela (1995:93). Passa-se a enumerar os principais usos de QUALQUER:

(8) a) Qualquer cão ladra (quantificação universal genérica: todo o cão, a espécie canina)

b) Se tivesse havido qualquer convocatória estava afixada à entrada (quantificação existencial: pelo menos uma convocatória)

- c) Reserve-me qualquer quarto desses de dois contos (irrestrição: escolha livre)
- d) Esse texto já serviu para uma turma qualquer do 1º ano (identificação vaga: não se precisa a turma)
- e) M. J. Gomes não fez uma crítica qualquer, fez um comentário de fundo (modificador de tipo adjectival depreciativo em contexto de predicado negativo antecedente: não foi qualquer comentariozeco, mas algo de especial)

Contrastes ilustradores de usos veiculantes de diversidade, não inócua, na significação de QUALQUER, paralelamente ao proposto quanto a TODO(O), constituem forma de não cercear o contributo de diferentes tipos / áreas de análise linguística para uma interacção comunicativa, que se quer fecundamente não pautada pela rigidez de normas pretensamente imutáveis. Possivelmente, nem todos estes usos serão comuns ao universo das comunidades utentes do português - questão a verificar.

O último conjunto de *F, note-se desde já, releva muito mais frequentemente de aprendentes do português como língua não materna. De facto, as *F (3) e (6), resultam de processos, pouco caracterizados na literatura disponível, da expressão da genericidade em português, na qual, apesar de hesitações, os falantes adultos autóctones não oscilam muito e aparentam, mau-grado a raridade dos casos detectados, pertenças mais sociais que regionais. É à escola, na classe de Língua Portuguesa, que cabe destacar as diferentes interpretações semânticas, determinando as F em triviais especificações, como as de (9) a) - c):

- (9) a) O miúdo adora bolachas / O miúdo adora as bolachas de manteiga e de côco
- b) A professora prefere meninas / a professora prefere as meninas Eva e Lia
- c) Ela ofereceu livros / Ela ofereceu os livros de R. Brandão

3.

Dos principais modelos - aplicados a objectos de pesquisa linguística neste século - elegem-se os da análise tradicional, da estruturalista, da generativista e, quanto a novas zonas de estudo, incide-se na pragmática.

Antes de serem percorridos aqueles modelos, anote-se que, curiosamente, o grupo de *F respeitante à quantificação, - (1) a) - c) - ocorre na própria população portuguesa, falante autóctone e de nível superior / pós-graduado de instrução, tendo sido ou não exposta a contacto (1) com outras línguas, conforme atestam as *F (10) a)-c):

- (10) a) **Toda a pessoa de fora de Moscovo não tem esse cartão.** (Lisboa - RTP, discurso oral - 1993)
- b) **Então, todo o teste não deve ser demasiado extenso.** (Lisboa - Universidade Aberta, discurso oral - 1994)
- c) **Se toda a gente não responder é um problema.** (Lisboa-imprensa escrita - 1995)

Testemunham as F agramaticais (11) a) - c) que, no topo da carreira académica, Professores há a produzir as construções em análise - não obstante ocorrer também outro quantificador, o operador TODOS. É interessante que as realizem, inclusive especialistas em linguística - mesmo apesar de em (11) a) TODOS se aplicar a OUTROS, nota pertinente de I. Duarte (1997:cp) e de em (11) c) o nome de evento PROBLEMÁTICA poder aceitar, em contexto mais extenso ou diversa predicação, a mesma quantificação. Estes e outros são académicos de carreira avançada, e trata-se do registo escrito, formal e cuidado, das suas obras científicas:

- (11) a) ***Todas as outras posições sintácticas, incluindo as posições dos adjuntos circunstanciais, não são posições - A, são posições A'....** (M.H.Campos - M.F. Xavier:1991:87)
- b) ***Todas as cores não admitem sempre todas as combinações: algumas são dissimétricas** (M. Vilela:1995:115)
- c) **?*Toda esta problemática não está ao alcance de organizadores amadores....** (A. Trindade:1990:68)

Além de domínio de difícil aprendizagem para estrangeiros, este conjunto de *F aparenta tratar-se de uma "área de crise », na esteira de uma expressão de Peres - Mória (1995:34-41). Que diriam os modelos seleccionados, em versões muito simplificadas, sobre este e os outros casos em discussão?

Sobre este primeiro grupo, as *F (1), (4) e (10), a gramática tradicional, confrontando tal uso dos «pronomes indefinidos» com a erudição da norma escrita e de preferência literária, circunscreve-se a juízos de valor face àquele padrão modelar e, concomitantemente, repudia-as por incorrecção. Igualmente se pronunciaria no tocante aos restantes casos. Estipula-se, evitando repetições, que à frente se especificam, unicamente, outras visões possíveis nas *F ainda por comentar. A óptica da tradição gramatical foi seleccionada para, justamente, ficar demonstrado que pouco difere perante uma variedade de casos. Confina-se à verificação do cumprimento de prescrições normativas.

O estruturalismo europeu, relegando a semântica para segundo plano, acrescenta que, no paradigma da F negativa, o sistema do português não licencia combinatória com determinantes afirmativos. Isto é, estes determinantes distribuem-se em F positivas, não sendo comutáveis com os negativos nas *F em estudo, para usar terminologia do distribucionalismo «harrisiano» - uma versão mais recente. Em termos percentuais, o estruturalismo vê também, em *corpora* representativos - com exclusão de marcas sociais da fala - a frequência destas produções.

Já a Gramática Generativa, eximindo-se, também, a considerações prescritivas da tradição gramatical, explícita no mesmo nível - o frásico - a não flutuação do quantificador na sequência de (10) e (11) c) e numa possível (?) interpretação de b), além da ambiguidade de (1) a) - c), (4) a) e b), (10) a) e (11) a). Não se queda pela simples descrição, nem pela identificação (operações quantitativas de contagem / medição), mas procura, outrossim, princípios comuns às gramáticas das línguas naturais - a expansão dos sintagmas nominais por variados especificadores. Destaque-se que a pesquisa de universais segue o fio condutor das propostas à frente, em conclusão, adoptadas.

A pragmática, subsidiária da dimensão accional da linguagem, preocupa-se neste caso com o acto assertivo, o seu suporte não somente frásico, as suas condições de verdade e as máximas conversacionais envolvidas, observando, em desenvolvimentos últimos, em que género de registo e de enunciado a construção se revela mais pertinente - v.g.: na enunciação de verdades científicas, na universalidade de outros actos assertivos, no texto proverbial ou no punitivo. O discurso científico tem também cabimento no domínio curricular da Língua Portuguesa - passando, num exemplo, a imprescindível solicitação de generalizações por estas operações quantitativas - e apresenta-se compatível com a problemática conexionada à *parole* do estruturalismo «saussuriano», ao *use* enunciativo = pragmático de Widdowson, à *performance* do generativismo

«chomskyano» (H.Widdowson:1978), utensilagens teóricas múltiplas e transferíveis para uma prática pedagógica desejavelmente congruente com outras, de similar pertinência, às quais R. Castro (1995) apela.

O **segundo grupo** de *F remete para uma diversidade, muito ampla, de processos quantitativos / pragmáticos com o operador QUALQUER que, até à pré-adolescência (2), causam erros avulsos, desvios ou hesitações mesmo entre aprendentes nativos. Não se obtiveram, porém, ecos desses enunciados no nível etário adulto aqui preferido.

Para não reiterar generalidades da visão tradicional, como *supra* se estabeleceu, refere-se o comentário estruturalista, de natureza sintacticista, de que UM(A) (determinante indefinido / numeral) ocorre fora do paradigma previsto pelo presente sistema do português e de que a ordenação sintagmática desta língua não apresenta, neste contexto, o Objecto Directo à esquerda do predicador.

A Gramática Generativa etiqueta estas F como agramaticais quanto à ordenação linear, baseando-se em juízos de competência de qualquer falante-ouvinte, tanto como na inaceitabilidade associada à mais variada «performance». São sintacticamente mal formadas e/ou de problemática interpretação semântica as *F b) e c) de (2) e (5), face à variante dominante.

No fito de incidirem sobre desempenhos particularizados segundo uma diversidade de situações de comunicação, as teorias pragmáticas (linguagem e acção), e as enunciativas (homem na linguagem), verificam a modalidade avaliativa, marcada pelo enunciador, em c) de (2) e (5), *F em que QUALQUER se apresenta sob o efeito da negação.

Atendem, além disto, à linearização e seu significado, v.g. uma coisa qualquer ; uma pessoa qualquer - UM(A) NOME QUALQUER - pode constituir sequência de sentido pejorativo, só intuitivamente interiorizável por utentes de língua materna. Ora, em a) e b) de (2) e (5), tal ordenação surge cruzada com a construção UM(A) QUALQUER NOME, de simples quantificação existencial e identificação vaga, na via de T. Mória (1992:3ss;43ss). Mais adequada ao ensino entre as perspectivas de análise gizadas, remete esta - a pragmática - para uma ligação gramática / linguagem em acção -, em que a segunda extravasa o nível linguístico de análise num enfoque sociocultural, tratado mais especificamente por outra nova área de pesquisa - a sociolinguística. Tributárias de uma

comunicação usual, ambas evitam os equívocos de desempenhos acríticos, desajustados, por parco manuseio de convenções sociais envolvidas.

Face ao terceiro grupo de *F, uma boa caracterização do português, definitiva de processos a enformar práticas de recontextualização consistentes, colmataria os resultados deficientes das presentes aplicações difusas, indiciadoras de falhas nos materiais disponíveis: programas, gramáticas, livros de texto. Realizações como as de (12) atravessam a expressão oral / escrita de futuros professores de português, na sua formação inicial (1996 - 1997), v.g.:

- (12) a) *Veêm-se as imagens aterradoras. (Escola Superior de Educação de Beja)
- b) *Tudo é dispendido pelos nossos dirigentes em viagens de visita oficial com o objectivo de estreitar as relações. (Escola Superior de Educação de Beja)
- c) *Ela gosta muito das festas. (Universidade Aberta)

Como são também produzidas por candidatos ao ensino superior, nas suas provas escritas (1997):

- (13) a) *A humanidade existe enquanto o planeta reunir as condições suficientes de habitabilidade.
- b) *Procurar realçar os valores morais será um passo importante.
- c) *E aqueles que estão doentes com a sida [...] porque será que nós não podemos partilhar essa solidão com eles?

Na sua linha sintáctica, o estruturalismo remete para o sistema do português em que ocorrem, exclusivamente na categoria de Objecto Directo, os nomes genéricos plurais, no condicionamento de não serem passíveis de determinação. É, justamente, essa especificação que confere agramaticalidade a (12) -(13).

Para a Gramática Generativa, a inaceitabilidade reside no preenchimento da posição à esquerda do nome, reservada para o seu especificador, por determinação do Sintagma Nominal Objecto Directo, com núcleo nominal de

pluralidade obrigatória, o qual, nesta realização, não pode ter como irmã a mencionada categoria.

Aqui, a pragmática relaciona a enunciação de afirmações genéricas - em texto mais informal do que técnico-científico, frequentemente no conversacional, etc - com a construção examinada. Acrescenta, ainda, a prevalência do acto ilocutório assertivo, das suas condições de verdade e dos seus objectivos ilocutórios.

O último caso observado releva sobremaneira de aprendentes para os quais o português não é língua materna, seja qual for a sua língua original, mas reafirma a pertinência do comentário às anteriores *F para o presente domínio temático - identidade de certas dificuldades de aprendizagem no meio estrangeiro, por vezes até entre nacionais distantes dos contactos linguísticos da emigração.

Os exemplos dispersos dos grupos de *F percorridos, simplificada e esquematicamente abordados (3), contrariam o estereótipo vulgarizado do português da comunidade africana de locutores, quer nos seus países, quer na situação de imigrados em Portugal. Na realidade, há problemas de aprendizagem, comuns a qualquer aprendente sem o português como língua materna, mesmo apesar do *status* de língua oficial que beneficia os utentes de África. A diversidade de origens fica anulada: Penalize-se, talvez, o atraso dos estudos linguísticos sobre alguns subsistemas do português, na convicção de que os fenómenos apresentados são explicáveis exteriormente a comunidades de caracterização linguística particular.

No caso da quantificação universal afectada pela negação, por exemplo, nem sequer prevalece o não ser falante nativo, pois até entre os mais academicamente qualificados destes se produzem *F similares às apresentadas, conforme testemunhado. Em menor número decerto, essas *F comprovam, contudo, áreas de crise da língua, no atrás referido sentido de Peres - Mória (1995), ao invés de serem, na perspectiva maioritária e redutora do "senso comum" e de alguns gramáticos normativos, imputadas aos «outros», muito particularmente aos que mais diferentes se exibem pelos evocados motivos de ordem social. Educar na diversidade passa, e muito em especial, pela classe de Português, numa concepção, inversa da atomística, abrangedora de vários conhecimentos científicos afins.

Recorde-se, à laia de conclusão, a proposta de P. Kiparsky (1971: 627) e D. Slobin (1977:194), de, às áreas de mais tardia aprendizagem na língua materna, corresponderem as de mais rápida variação temporal e de maior dificuldade para aprendentes que sejam falantes de outras línguas primeiras. Faltam descrições de carácter diacrónico sobre a quantificação, negação e genericidade, o mesmo se podendo afirmar no que respeita a estudos psicolinguísticos relevantes, mas evidências empíricas, contínuas na prática docente, legitimam a proposta daqueles linguistas com dados da nossa língua. A universalidade de certos fenómenos, consubstanciada por aqueles autores, não teve amplos ecos na investigação em linguística do português.

Conjugado com uma heterogeneidade de modelos, níveis e áreas de análise, o mencionado posicionamento viabiliza, neste fim de século, um enriquecimento dos conteúdos da classe de português, língua materna ou não, no actual estágio do conhecimento linguístico, muito para além dos três casos 'estranhos' aqui abordados.

À heterogeneidade de análises teóricas beneficiadoras da competência comunicativa, acrescente-se uma didactização imbricante e integradora, se bem que em disjunção, e a almejada uniformização 'por cima' resultante da escolarização poderá ser fecunda - contrapondo-se a escola também a desigualdades sociais, designadoras e culpabilizadoras das diversas pertenças, por vezes regionais e mesmo nacionais.

Os docentes devem agir, não como meros executores de programas consabidamente incipientes, não muito permeáveis a uma flexibilidade prática, mas em opções linguísticas conscientes dos usos comunicacionalmente mais adequados. Seguramente, as aprendizagens, junto ou não de destinatários estrangeiros, conduziram a melhor consecução dos objectivos programados / a programar, caso não se privilegiasse o conhecimento gramatical à 'antiga', **todavia sem o presente alheamento de rigor nessa competência, parte integrante da competência comunicativa.** Ou seja, aliar a psicologia, a sociolinguística e a pragmática às descrições mais frequentemente aplicadas ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, geográfica e historicamente contextualizadas.

Em conclusão, um ângulo de diversidade respeita, quanto ao tema tratado:

- i) a identidades em certas dificuldades de aprendizagem entre falantes em situação de primeira / segunda língua;

- ii) à necessidade da prevenção de dificuldades, via maior rigor na competência linguística - sem secundarização de outras componentes comunicativas;
- iii) à hierarquização de tipos de agramaticalidade face a variação espaço-temporalmente definida;
- iv) à utilidade de realizar descrições adequadas, esclarecedoras dos fenómenos abordados, em ordem ao construir de contrastes elucidativos na classe de Português dirigida a todos os públicos, v.g.: quantificação / determinação e tipologia de nomes / verbos; posição pré / pós nominal do quantificador; posição pré / pós predicador da negação etc.

Enquanto pesquisas intencionalizadamente propiciadoras de descrições explicativas concludentes não redireccionem alguns juízos presentes, evitem-se leituras preconceituosas dos fenómenos aflorados - desperdiçadoras de notórias analogias - configuradamente significativas e potenciadoras de progresso na análise linguística, tanto quanto aos últimos e citados modelos, como a novas áreas e a diferentes modalidades (escrito / oral). Num quadro inverso, promove-se a exclusão pela realização linguística, sob o ponto de vista social e, sob o científico, pressupõe-se uma causalidade externa - aqui demonstrada inconsistente.

NOTAS

- (1) Desenvolvimento da comunicação «Paz em Casa e Guerra com Todo o Mundo», in Colóquio Internacional *COMPREENDER O OUTRO* - Lisboa, 1995 (25 Out), Universidade Aberta.
- (2) A problemática das línguas em contacto releva, sobretudo, de duas línguas / uma língua e um dialecto em presença, muito particularmente das tendências resultantes da respectiva fricção, em termos de interferência linguística (vd I. Faria et al. Org:1996:509).
- (3) Tema para outra área de estudo, relativamente recente - a psicolinguística.
- (4) O presente estudo sucinto não passa de chamada de atenção. Uma descrição esclarecedora e aprofundada, neste caso, exigiria recurso a investigação

semântica na linha da que O. Lopes (1972) e, especialmente, J. Peres (1987 ss) têm vindo a realizar - bases para perspetivação em termos de competências pragmáticas e comunicativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, M.H.;M.F.Xavier (1991) *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta

CARVALHO, M. J. (1991) *Aspectos Sintáctico-Semânticos dos Verbos Locativos no Português Oral de Maputo*, Lisboa, Angolê / ICALP

CARVALHO, M. J.(1995)"Aspectos Semânticos e Pragmáticos do Ensino de TUDO / TUDO O a Falantes Moçambicanos". in *Actas do Encontro: Português - Língua de Cultura*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1993 (27-9 de Maio)

CASTRO, R, (1995) *Para a Análise do Discurso Pedagógico - Constituição e Transmissão da Gramática Escrita*, Braga, Universidade do Minho

FARIA, I. et al. (Org1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho

KIPARSKY, P. (1971) «Historical Linguistics» in W.O. Dingwall (org) *A Survey of Linguistic Science*, College Park Md: Annapolis, University of Maryland Linguistics Program

LOPES, A. (1992) "Aspectos da Genericidade", *Cadernos de Semântica*, 6, Projecto JNICT, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

LOPES, O. (1972) *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian

MÓIA, T. (1992) «Aspectos da Semântica do Operador QUALQUER», in *Cadernos de Semântica*, 5, Projecto JNICT, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

PERES, J. (1992) «Questões de Semântica Nominal», in *Cadernos de Semântica*, 1, Projecto JNICT, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Peres, J.; A. Branco (1989) "Noun Phrase Ambiguities and Natural Language", com. Primeiras Jornadas de Linguística Computacional, 18-20 Out, Lisboa

Peres, J.; T.Móia (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho

Slobin, D. (1977) «Language Change in Childhood and History), in J. Macnamara (Org) *Language Learning and Thought*, New York, Academic Press

Trindade, A. (1990) *Introdução à Comunicação Educacional*, Lisboa, Universidade Aberta

Vilela, M. (1995) *Léxico e Gramática*, Coimbra, Almedina

Widdowson, H. (1978) *Teaching Language as Communication*, Oxford, Oxford University Press